

sários da totalidade da História. Antes pelo contrário: quanto mais um sistema é especificamente definido em suas formas, tanto mais é docil à crítica histórica”.

Dessa forma é estabelecido o quadro em que se coloca a mitologia: pertence simultaneamente à semiologia e à ideologia, como ciência formal e como ciência histórica.

Barthes analisa o mito como sistema semiológico na medida que se forma a partir de matéria prima já constituída, de uma cadeia semiológica que já existe antes dele. Ao mesmo tempo, esta linguagem não permanece a mesma. O mito é considerado como linguagem roubada, pois utilizando-se da idéia básica formada anteriormente, deforma-a de acordo com as suas intenções específicas, dadas pelo momento histórico.

Algumas considerações são feitas sobre a elaboração de mitos na esquerda e na direita.

Fundamental é a posição do Autor diante do estudo da mitologia. Suas próprias palavras: “tomando como ponto de partida permanente, a constatação de que o homem da sociedade burguesa se encontra a cada instante, imerso numa falsa natureza, a mitologia tenta recuperar, sob as inocências da vida relacional mais ingênua, a profunda alienação que essas inocências têm função camuflar. Esse desvendar de uma alienação é, portanto um ato político...”.

Os estudos feitos depois deste trabalho, evidentemente enriqueceram e desenvolveram muito a mitologia. O próprio autor reconheceu que não poderia escreve-lo novamente, da mesma forma. Entretanto, o conhecimento desta obra é importante, na medida que ela representa o início de uma série de estudos, que inaugura novos métodos de trabalho que tornaram-se extremamente úteis para o estudo de ideologias.

CÉLIA CAMARGO DE SIMONE

\*

\* \*

MARTINS (Mário). — *Estudos de Cultura Medieval*. Volume II. Braga. Edições Magnificat, 1972.

Já vai longe o tempo em que, Michelet à frente, os historiadores retratavam a Idade Média como “a grande noite de dez séculos”. Foi precisamente para dar o golpe de misericórdia nos últimos recalcitrantes que Régine Pernoud escreveu, em 1945, valendo-lhe o *Prix Fémina de critique et d'histoire*, sua obra, hoje clássica, *Lumière du Moyen Age*.

No capítulo dedicado às letras naquela época, diz a Conservadora dos *Archives Nationales*:

“— Malgré le grand nombre de travaux modernes consacrés à la littérature médiévale, nous ne sommes pas encore parvenus à nous en faire une idée juste, et à l'apprécier comme elle le mériterait. Elle reste une curiosité d'érudit, ou, ce qui est plus dangereux, sert de prétexte à des évocations assez artificielles. Un pas important a cependant été fait, en ce que l'on est arrivé du moins à convaincre le public de l'existence d'une littérature médiévale” (pág. 135).

Reunindo-se ao esforço dos estudiosos para nos dar uma idéia justa da importância da Idade Média no campo literário, Mário Martins nos oferece um ângulo novo, qual seja a filiação medieval de páginas imortais de grandes autores da literatura portuguesa e estrangeira.

Vemos em seus ensaios, reunidos no volume que ora examinamos, as rap-sódias, as fábulas e os *fioretti* dos séculos XIV e XV se consagrarem em páginas famosas de Sienkiewicz e Eça de Queirós.

Quem suspeitaria que o célebre episódio do encontro de São Pedro com Cristo, que deu título ao romance *Quo Vadis?* de Henryk Sienkiewicz aparece numa ingênua historieta da *Legenda Dourada* de Jacques de Voragine (m. 1298), transcrita para o *Flos sanctorum em lingoagem portugues* (Lisboa 1513)?

Entre os *Contos* de Eça de Queirós (edição póstuma) ocupam lugar destacado os deliciosos *O Tesouro* e *Frei Genebro*.

Pois bem, a história dos três ladrões que encontram um tesouro na floresta e se matam para possuí-lo com exclusividade, que tanto nos impressiona, foi tirada de uma coletânea chamada *Horto do Esposo*, livro de cabeceira do Padre Bernardes.

A graciosa e cativante história do frade que cortou a perna de um porco para alimentar um eremita, sem licença do dono e que tanta preocupação lhe traz, vem inspirada numa passagem dos *Fioretti* de São Francisco de Assis, re-produzida na *Chronica Minorum*...

O Autor encontrou também nas *Notas Contemporâneas* uma curiosa introdução de Eça para o *Almanaque Enciclopédico*, tirada dos *Comentários ao Gênesis* de Rábano Mauro, que o leva a comentar:

“Se Eça tivesse vivido na Idade Média, seria algo diferente; não escreveria *A Reliquia* nem *Os Maias*. Porém, as historiazinhas que enchem boa parte da literatura medieval, esparsas ou em rap-sódias mais ou menos vulgarizadas, julgamos que o tentariam a publicar pequenos contos no gênero de Frei Genebro. Naquele tempo, tudo o que existia e tudo o que acontecia transformava-se facilmente em parábola, para além da letra puramente existencial. E está aqui precisamente o ponto íntimo de contato entre o grande romancista e a Idade Média” (pág. 52).

Corroborando a opinião de Mário Martins, que poderia chocar alguém que apenas identifica Eça de Queirós com um escritor avesso a tudo o que nos viesse da Igreja, queremos lembrar suas *Últimas Páginas*, que se iniciam com as vidas de Santos, São Cristóvão, Santo Onofre, São Frei Gil, todos da Idade Média. Sem falar na *Ilustre Casa de Ramires*, que contém uma novela composta em português medieval, escrita por um dos personagens do romance, Gonçalo Mendes Ramires, que, à medida que escreve a história de seus antepassados, compara suas façanhas com sua própria mediocridade.

Outro aspecto interessante do livro de Mário Martins é o relacionamento que nos apresenta entre fábulas medievais e mitos da Grécia Antiga, como por exemplo a adaptação da lenda de Édipo e Jocasta nos evangelistas apócrifos que contam a história de Iscariotes. Também Judas matou o pai, sem o saber, e se casou com a mãe, guiado por destino fatal que o levou à suprema traição...

Essas curiosas interpolações mostram como os mitos gregos continuavam vivos na tradição européia, aparecendo na grande compilação da *Flos sanctorum*, editada em 1513.

Por tudo isso a Idade Média se nos afigura não como estéril e vazia mas como tempo de maturação de antigas sementes, para produzir frutos na literatura moderna e contemporânea, chegando até os nossos dias com o *Moyen Age de convention* do *Annonce faite à Marie* de Claudel e com *Becket ou l'honneur de Dieu* de Anouilh.

CLÁUDIO DE CICCO

\*

\* \*

LAURENT (Jeanne). — *Un monde rural en Bretagne au XVe siècle: la Quévaise*. Paris. SEVPEN/École Pratique des Hautes Études. 1972, 440 pp.

Esta monografia de uma Instituição de direito privado, consuetudinário e de tipo rural, cujo objeto é circunscrito a uma área geográfica limitada — a Bretanha Ocidental — busca reexaminar, apresentar em seus aspectos novos e dentro de um contexto mais amplo, essa Instituição — *Quévaise* — à luz exclusivamente de seus próprios documentos reunidos pela Autora. Originalmente uma tese apresentada na École de Chartes, este estudo procura, a partir da larga experiência da Autora, de suas observações, da literatura existente sobre o assunto, esclarecer pontos capitais que não lhe estavam claros: 1). — por que razão os primeiros desbravadores das grandes extensões de terras a cultivar pelos senhores da região acabaram por receber apenas pequenos lotes?; 2). — se, no início as superfícies dos *quévaisiers* eram todas iguais e pequenas, como se explica a evolução que resultou em explorações agrícolas de dimen-